



Quem eram as bruxas de Gardner?

Who were the witches of Gardner?

Janluis Duarte

Doutor em História Cultural

Universidade de Brasília

jan@janduarte.com.br

Recebido em: 06/02/2017

Aprovado em: 09/03/2017

RESUMO: Gerald Gardner, considerado fundador da religião neopagã contemporânea conhecida como Wicca, alegava em suas obras ter obtido seus conhecimentos de um grupo de bruxas inglesas tradicionais. O presente artigo coteja o discurso contido nos livros de Gardner com os conhecimentos históricos a respeito de bruxaria na Inglaterra, buscando esclarecer quais foram suas verdadeiras fontes e influências.

PALAVRAS-CHAVE: Bruxaria, Wicca, Neopaganismo.

ABSTRACT: Gerald Gardner, considered the founder of the contemporary neopagan religion known as Wicca, claimed in your works that he had obtained his knowledge from an English group of witches. This article compares the discourse contained in Gardner's books with the historical knowledge about witchcraft in England, in order to clarify what were his true fonts and influences.

KEYWORDS: Witchcraft, Wicca, Neopaganism.

Gerald Brosseau Gardner (1884-1964) foi um funcionário da Coroa Britânica que passou a maior parte de sua vida no Oriente. Fascinado desde tenra idade pelo espiritualismo e pelo ocultismo, seu cargo como inspetor nos seringais da Malásia central permitiu que ele travasse estreito contato com os costumes e crenças nativas e, embora não tivesse educação formal e fosse basicamente autodidata, viesse a atuar como arqueólogo e folclorista amador.

Ao retornar para a Inglaterra natal, aposentado, em 1936, Gardner envidou diversos esforços para se destacar no cenário ocultista britânico, chegando inclusive a associar-se brevemente ao polêmico Aleister Crowley. No entanto, foi apenas no início da década de 1950, quando assumiu a direção de um “Museu de Bruxaria” na Ilha de Man, que declarou-se publicamente bruxo e lançou em 1954 o seu primeiro livro de não-ficção, *A Bruxaria hoje*¹, que Gardner alcançou notoriedade, ao lançar as bases do que viria a tornar-se a mais bem sucedida

¹ GARDNER, Gerald B. **A bruxaria hoje**. São Paulo: Madras, 2003, 153 p. Anteriormente, Gardner havia publicado, às suas expensas, duas obras de ficção: *A Goddess Arrives* (1939) e *High Magic's Aid* (1949).



das religiões neopagãs da atualidade: a Wicca, nome pelo qual ficou conhecida a doutrina gardneriana da bruxaria.

Em *A Bruxaria hoje* e no livro que se seguiu a este, *O significado da bruxaria*², de 1959, Gardner alegava que, na época em que fazia parte de uma associação rosacruziana, a *Crotone Fellowship*, fora apresentado a algumas pessoas que praticavam a “antiga religião da bruxaria” e que, em 1939, havia sido aceito em seu meio e passado pelos ritos de iniciação tradicionais. Explicava o longo intervalo entre sua iniciação e a publicação de seus livros pelo fato de apenas em 1954 terem sido abolidas as últimas leis contra bruxaria na Inglaterra.

E o que era, segundo Gardner, a “antiga religião da bruxaria”? Na verdade, nada mais era que uma releitura das ideias de sua madrinha na *Folklore Society*, a Dra. Margaret Murray, que haviam sido expostas em uma polêmica obra publicada em 1929, chamada *O culto das bruxas na Europa Ocidental*³. Para a Dra. Murray, as bruxas que haviam sido perseguidas nos primeiros séculos da Idade Moderna eram, na verdade, sacerdotisas de um culto pagão que resistira nas sombras ao advento do cristianismo. Gardner alegava que encontrara, na verdade, resquícios desse “culto moribundo” e se dedicara a revitalizá-lo e tirá-lo das sombras, o que lhe valeu uma introdução entusiasmada de Murray em *A Bruxaria hoje*: “neste livro, o dr. [sic] Gardner afirma ter encontrado em várias partes da Inglaterra grupos de pessoas que ainda praticam os mesmos ritos das chamadas “bruxas” da Idade Média; declara também que os ritos são uma verdadeira sobrevivência e não um mero renascimento copiado de livros”⁴.

A esse pano de fundo, Gardner acrescentou elementos ritualísticos típicos das sociedades herméticas, como a Maçonaria, a *Golden Dawn* e a *Ordo Templi Orientis*, além de maciças doses de folclore inglês e pseudo-celta, para compor sua religião da bruxaria. Vale a pena citar, aqui, o que nos diz a antropóloga Sabina Magliocco a respeito das teorias similares às de Murray: embora tais teorias:

[...] tivessem sido há muito rejeitadas pela comunidade acadêmica em 1954, elas estavam de acordo com as análises sobrevivencialistas que folcloristas e antropólogos estavam fazendo na juventude de Gardner, cinquenta anos antes, e que permaneceram prevalentes na cultura popular.⁵

² GARDNER, Gerald B. **O significado da bruxaria**. São Paulo: Madras, 2004, 302 p.

³ MURRAY, Margaret. **O culto das bruxas na Europa Ocidental**. São Paulo: Madras, 2003, 262 p.

⁴ GARDNER. **A bruxaria hoje**, p. 19.

⁵ MAGLIOCCO, Sabina. **Witching Culture**. Philadelphia: University of Pennsylvania Press, 2004, p. 51.



Como se pode ver e já tive oportunidade de demonstrar detalhadamente em outras ocasiões⁶, a Wicca de Gardner surge a partir de uma colagem de elementos folclóricos, ritos ocultistas e teorias antropológicas ultrapassadas, porém popularmente em voga ainda na segunda metade do século XX, constituindo um processo típico de invenção de tradições, conforme caracterizado por Hobsbawn:

Por “tradição inventada” entende-se um conjunto de práticas, normalmente reguladas por regras tácitas ou abertamente aceitas; tais práticas, de natureza ritual ou simbólica, visam inculcar certos valores e normas de comportamento através da repetição, o que implica, automaticamente; uma continuidade em relação ao passado. Aliás, sempre que possível, tenta-se estabelecer continuidade com um passado histórico apropriado. [...] Contudo, na medida em que há referência a um passado histórico, as tradições “inventadas” caracterizam-se por estabelecer com ele uma continuidade bastante artificial.⁷

É justamente essa artificialidade na ligação entre a bruxaria neopagã de Gardner e aquilo se conhece sobre o pensamento a respeito de bruxaria entre os povos da Europa medieval e moderna, em especial das Ilhas Britânicas, que salta aos olhos. Ainda que a bruxaria tenha sido pintada por Margaret Murray como um culto ancestral comum a toda Europa Ocidental pré-cristã, tornou-se lugar comum entre os praticantes da Wicca – devido à obra de Gardner – remeter suas origens às Ilhas Britânicas e associá-la, em especial, à mitologia Celta⁸.

Minha intenção neste artigo, portanto, é em primeiro lugar analisar até que ponto as alegações de Gardner, das suas fontes de inspiração e dos continuadores de sua obra correspondem ao conhecimento histórico atual sobre a crença em bruxas na Inglaterra medieval e moderna. Complementarmente, acrescento uma breve discussão sobre a efetividade do discurso de Gardner e seus continuadores, tendo em vista a sua capilaridade, que foi capaz de, em poucos anos, angariar milhares de adeptos. Para isso, apresentarei inicialmente um resumo sobre as crenças em bruxaria na Inglaterra medieval e moderna, sobejamente apresentadas por Keith Thomas e outros autores. Em seguida, revisarei as alegações de Gardner sobre a “antiga religião”, utilizando como referência sua própria obra, a análise de autores que se debruçaram sobre o assunto, como o prof. Ronald Hutton, e minha própria pesquisa original sobre o assunto, para, ao final, cotejar ambas as posições sob a ótica da contemporaneidade e da pós-modernidade.

⁶ DUARTE, Janluis. **Os bruxos do século XX**: neopaganismo e invenção de tradições na Inglaterra do pós-guerras. Dissertação (mestrado em história). Universidade de Brasília, PPGHis, Brasília, 2008, 170p.

⁷ HOBSBAWN, E. e RANGER, T (orgs.). **A invenção das tradições**. São Paulo: Paz e Terra, 2006, p. 9-10.

⁸ Vale observar que existe uma corrente ligada à Itália, devido principalmente às descrições das *streghe* italianas feitas por Charles Leland no seu livro *Aradia, o evangelho das bruxas*, publicado em 1899 e que exerceu clara influência nos escritos de Gardner.



Bruxaria na Inglaterra

Vale lembrar que a crença em bruxas é comum a todas as sociedades pré-industriais. Antropólogos, sociólogos e historiadores que se debruçaram sobre o assunto puderam demonstrar com segurança que esta crença, aparentemente irracional, possui uma função social definida e “sua própria lógica, suas próprias regras de pensamento, e estas não excluem a causalidade natural”⁹. No contexto das Ilhas Britânicas, como nos aponta Keith Thomas,

Uma bruxa era uma pessoa de ambos os sexos (embora na maior parte das vezes mulher) que podia ferir misteriosamente outras pessoas. O dano que ela podia causar – *maleficium*, como era tecnicamente chamado – podia assumir diversas formas. Usualmente ela era suspeita de causar injúria física a outras pessoas, ou de causar sua morte. Ela poderia ainda matar ou ferir animais domésticos ou interferir na natureza impedindo vacas de darem leite, ou frustrando operações domésticas como fazer manteiga, queijo ou cerveja. Havia uma ampla variedade de outras ações hostis possíveis, mas na Inglaterra as atividades alegadas de uma bruxa usualmente vinham sob um desses tópicos.¹⁰

Ou seja, a crença em bruxaria consiste, simplesmente, em crer que existem pessoas que, por meios sobrenaturais, podem causar toda uma lista de infortúnios, de outra forma inexplicáveis para os conhecimentos técnicos de uma época ou lugar.

O corolário inevitável da crença em bruxas é a crença em sua contraparte benigna, o feiticeiro ou feiticeira, capaz de curar doenças, garantir a prosperidade e, especialmente, proteger contra a bruxaria ou desfazer o seu efeito. Na Inglaterra medieval e moderna, estes eram os *cunning-man* ou *cunning-woman*, literalmente as “pessoas astutas”, amplamente procuradas pelo povo numa época em que a medicina, além de pouco acessível, não era confiável.

Sempre houve, portanto, uma distinção clara entre *witches* e *cunning-folk* entre a população em geral, embora a partir do século XVI tenha havido uma tendência eclesiástica crescente de igualá-los como sendo ambos prejudiciais à fé. Na Inglaterra, como em qualquer outra parte da Europa, nunca houve a ideia da existência de uma “bruxaria benigna”: *witch*, fosse mulher ou homem, sempre era um causador do mal.

Keith Thomas, em seu clássico *Religião e o declínio da magia*¹¹, aponta outra característica essencial nas crenças britânicas relacionadas à bruxaria e feitiçaria: o *cunning-folk* utilizava comumente um ritual mais ou menos elaborado, muitas vezes remetendo a elementos da missa católica, e recorria de forma regular a amuletos ou a poções preparadas com ervas. Ou seja, seu

⁹ EVANS-PRITCHARD, E. **Bruxaria, oráculos e magia entre os Azande**. Rio de Janeiro: Zahar, 2005, p. 59.

¹⁰ THOMAS, K. **Religion and the Decline of Magic**. London: Penguin Books, 1991, p. 519.

¹¹ THOMAS. **Religion and the decline of Magic**, p. 209-301.



poder provinha do seu conhecimento, de sua capacidade de manipulação, era algo aprendido. Por outro lado, o poder da bruxa era considerado, a princípio, inato: ela poderia lançar o *maleficium* apenas com o olhar ou com palavras, não tendo de recorrer a fórmulas ou instrumentos. Thomas aponta que, mais raramente, eram usadas imagens de cera cravadas de alfinetes e, curiosamente, apesar da imagem da bruxa que ficou marcada na literatura infantil, que em um único julgamento inglês aparece a famosa vassoura¹².

Segundo Thomas, essa era a visão popular, compartilhada por diversos intelectuais leigos e mesmo por alguns ligados à Igreja. A visão oficial desta última diferia ligeiramente, por sempre associar tanto bruxas quanto feiticeiros ao mal, ou pelo menos condenar a ação de ambos como algo contrário aos desígnios de Deus e, em certas circunstâncias, associada ao Diabo.

No contexto mais específico da Inglaterra, no entanto, houve posturas diversas nos setores eclesiásticos em relação à efetividade da bruxaria. Durante a Idade Média, a Igreja Católica inglesa aceitava tacitamente a existência de bruxas e bruxos, porém o uso da própria ritualística católica – o sinal da cruz, a invocação dos santos e da Virgem Maria, etc., eram tidos como meios eficazes para evitar a sua atuação e impedir o *maleficium*. A partir do século XVI, a igreja reformada inglesa adotou posicionamentos distintos de acordo com as várias vertentes surgidas, mas, de uma forma geral, todas admitiam a possibilidade da bruxaria, mas preconizavam contra ela unicamente a fé, o autoexame de consciência e o arrependimento. Nesse sentido, o *maleficium* apenas era possível com o consentimento de Deus e, portanto, cabia ao fiel descobrir em seus próprios atos o que o levava a ser merecedor do infortúnio.

Pouco do que apresentamos até agora, entretanto, pode ser considerado como característica distintiva da crença em bruxaria na Inglaterra, uma vez que reflete atitudes e pensamentos semelhantes aos de diversas partes da Europa continental. A meu ver, a grande diferença entre a bruxaria inglesa e a bruxaria continental residiu na postura da justiça, secular e eclesiástica, em relação à primeira.

Nunca houve na Inglaterra uma “epidemia de caça às bruxas” como no Continente. Embora haja registros de ocasionais linchamentos de bruxas por populares, durante a Idade Média, tanto bruxas quanto curandeiros eram tolerados. Após a Reforma, o Parlamento inglês emitiu três Atos contra a bruxaria: o primeiro em 1542 (revogado em 1547), o segundo em 1563

¹² _____. *Religion and the decline of Magic*, p. 529.



(revogado em 1604) e o terceiro em 1604, revogado apenas em 1736¹³. Durante a vigência desses Atos, enquanto dezenas de milhares de pessoas estavam sendo executadas no Continente pela Santa Inquisição Católica e seus equivalentes protestantes, na Inglaterra apenas 500 pessoas foram condenadas à morte por bruxaria e, destas, 60% se deveram à campanha solitária do “caçador de bruxas” Matthew Hopkins, entre 1644 e 1647¹⁴.

Diversas causas podem ser apontadas para isso, mas provavelmente a principal delas é o fato que a doutrina demonológica, corrente no Continente, nunca teve penetração efetiva na Inglaterra. Foi apenas sob a autoridade dos tratados de demonologia (sendo o infame *Malleus Maleficarum*¹⁵ o mais conhecido), tanto de autores católicos quanto protestantes, que a bruxaria na Europa Continental se tornou uma espécie de anti-religião, centrada no pacto e na adoração coletiva ao diabo nos sabás, com todos os elementos fantásticos, implausíveis e soturnos que povoaram, deste então, os contos sobre bruxas. Como alerta Carlos Roberto Nogueira,

[...] da perspectiva da ortodoxia religiosa, que constitui o interlocutor passível de recuperação em se tratando do universo mágico, a distinção entre os níveis de participação mágica é bastante clara no período medieval e em especial no fim da Idade Média, onde é sistematizada uma demonologia e consequentemente são apontados os cúmplices do Diabo e suas respectivas atribuições.¹⁶

Dessa forma, foram os tratados de demonologia e os manuais de inquisidores que formaram o perfil da bruxa continental: a mulher que havia pactuado com o diabo, que causava malefícios por intermédio de demônios, que voava por meio de unguentos mágicos até as assembleias de bruxos, presididas pelo Diabo em pessoa, para render-lhe homenagem numa cerimônia que invertia os elementos da missa, e que terminava, invariavelmente, num banquete de comidas repugnantes e em atos de luxúria desenfreada. A retórica dos inquisidores encaminhava as confissões – obtidas sob tortura – a reiterar esses elementos e criar a impressão de que havia um verdadeiro movimento herético subterrâneo destinado a subverter e solapar a cristandade.

Na Inglaterra, onde a tortura não era permitida oficialmente, os julgamentos estavam limitados aos tribunais seculares e a influência da demonologia teve muito menos impacto, a

¹³ THOMAS. **Religion and the decline of Magic**, p. 525.

¹⁴ NOTESTEIN, W. **A History of Witchcraft in England**. Edição digital: Digi-Media-Apps, 2012, p. 164-205.

¹⁵ Também conhecido como “O Martelo das Bruxas”, escrito pelo dominicano Heinrich Kramer e publicado em 1487.

¹⁶ NOGUEIRA, Carlos Roberto. **Bruxaria e história**. Bauru: EDUSC, 2004, p. 53



bruxaria permaneceu como um “crime provável” de caráter individual, com as acusações se dando geralmente contra pessoas previamente mal vistas na comunidade, ou contra quem já havia algum tipo de animosidade. Muitas dessas acusações ao menos eram levadas em consideração pela justiça e, mesmo naquelas efetivamente julgadas, muito raras foram as confissões de pacto demoníaco. Por isso mesmo, conforme o pensamento lógico-mecanicista foi ganhando força nas Ilhas, o “crime provável” de bruxaria logo se transformou em “crime impossível” e mesmo antes da revogação, em 1736, do Ato de 1604, os julgamentos já haviam cessado.

As bruxas de Gardner

Tendo traçado as linhas gerais das crenças em bruxaria na Inglaterra e da reação oficial a elas, cabe agora analisar as principais afirmações de Gardner a respeito da “religião das bruxas”.

No capítulo X do livro “A bruxaria hoje”, Gardner afirma que as bruxas que conheceu que “são pessoas que chamam a si mesmas Wica, as “pessoas sábias”, que praticam ritos antigos e que, junto com muita superstição e conhecimento herbal, preservaram um ensinamento oculto e processos de trabalho que elas próprias pensam ser magia ou bruxaria”¹⁷.

Essa descrição de Gardner se aplicaria, com algumas restrições, aos curandeiros de aldeia que citamos, os *cunning-folk*, mas de forma alguma à concepção de bruxa da antiga Inglaterra, invariavelmente ligada à prática do malefício. A própria palavra “wica”, utilizada por Gardner, nunca existiu. A grafia correta – “wicca” – que ele passa a adotar a partir do segundo livro e cuja pronúncia correta é “witcha”, é simplesmente o termo em inglês arcaico para bruxo (bruxa seria *wicca*). Este termo não possui nenhuma correlação linguística com “sábio” (*wise*), mas a afirmação de Gardner forçou não apenas a pronúncia “dura” (wika) da palavra entre seus futuros adeptos, como também a corriqueira interpretação do seu significado¹⁸.

Compreensivelmente, Gardner não apresenta muitos detalhes sobre as práticas das bruxas em *A bruxaria hoje*. O livro inteiro soa como uma defesa veemente das teses de Margaret Murray e, ainda, como uma tentativa de desvincular bruxaria de satanismo ou prática de malefícios. Já em *O significado da bruxaria*, ele fornece diversos outros detalhes. É lícito supor que no período entre 1954 e 1959, período este de maior cooperação entre Gardner e a primeira de suas sacerdotisas, Doreen Valiente, a bruxaria de Gardner ainda estava em desenvolvimento.

¹⁷ GARDNER. **A bruxaria hoje**, p. 102.

¹⁸ Sobre a etimologia de *witch*, Cf., RUSSEL, Jeffrey B. **História da feitiçaria**. Rio de Janeiro: Campus, 1993, p. 163.



Ao aludir às práticas e crenças das bruxas, algumas alegações de Gardner saltam aos olhos: as reuniões – sabás e esbás – das bruxas, relacionadas aos festivais celtas, a associação entre bruxas e fadas e a nudez ritual. Essas alegações revelam claramente as fontes utilizadas por ele para compor a “religião das bruxas”.

Logo no princípio de *O significado da bruxaria*, Gardner afirma que

Os quatro grandes sabás são: *Candlemas*, *May Eve*, *Lammas* e *Halloween*; os equinócios e solstícios também são celebrados, totalizando oito ocasiões de rituais, como as bruxas assim os chamam. Nos grandes sabás todos os *covens* que pudessem reunir-se assim o fariam; mas além desses grandes sabás, eram realizadas reuniões menores chamadas Esbás.¹⁹

Afirmações semelhantes podem ser encontradas logo na introdução do *Culto das bruxas na Europa Ocidental*, de Murray, mas, como vimos, a ideia de assembleias de bruxas, ou mesmo de bruxaria como uma prática coletiva, era fruto da demonologia e típica do pensamento continental, e não daquele das ilhas britânicas. Seguindo Murray na sua tentativa de mostrar as bruxas como praticantes de uma religião organizada, que contava inclusive com um calendário ritual estabelecido, Gardner novamente se afastou da tradição inglesa e aproximou-se das descrições continentais.

Mais adiante no seu livro, ele tenta fazer a reaproximação ao traçar o paralelo entre as datas citadas e os festivais celebrados pelos druidas, forma pela qual ele se refere aos celtas insulares. No entanto, os festivais citados por Gardner são mais provavelmente ecos de festivais agrícolas do que propriamente festivais de cunho religioso e, ainda assim, como nos diz o prof. Ronald Hutton:

Nenhum povo pré-cristão conhecido celebrou todos os oito festivais do calendário adotado pela Wicca. Ao lado das quatro celebrações Gaélicas genuínas, foram colocados os festivais de meio do inverno e de setembro dos anglo-saxões, as celebrações folclóricas do meio do verão e (para simetria) o equinócio vernal, que parece não ter sido comemorado por nenhum antigo povo norte-europeu.²⁰

É igualmente Hutton quem afirma que “nenhum culto conhecido no mundo antigo era conduzido por devotos que praticavam regularmente nus”²¹, ao passo que Gardner afirma categoricamente que as bruxas conduziam seus ritos em completa nudez. Também nesse aspecto ficam claras as fontes continentais de Gardner: as vívidas e lúbricas descrições dos sabás surgidas

¹⁹ GARDNER. *O significado da bruxaria*, p. 17.

²⁰ HUTTON, Ronald. *The Pagan Religions of the Ancient British Isles*. Oxford: Blackwell, 1991, p. 337.

²¹ _____. *The Pagan Religions of the Ancient British Isles*, p. 337-338.



das confissões nos processos de bruxaria, posteriormente romantizadas por autores do século XIX como Jules Michelet e, especialmente, Charles Leland. Este último, em seu *Aradia, o evangelho das bruxas*, alegadamente uma coletânea de textos recolhidos entre bruxas italianas, apresenta a seguinte invocação:

Àquela que de bom grado
Aprender toda a magia, mas que ainda não domina
Seus mais profundos segredos, minha mãe irá
Ensinar, na verdade, todas as coisas ainda desconhecidas.
E sereis libertos de qualquer escravidão,
E sereis livres para qualquer coisa;
E como sinal de sua inequívoca liberdade,
Deveis comparecer desnudos em seus ritos,
Tantos homens quanto mulheres²²

É interessante citar, neste ponto, que o próprio Gardner era um entusiasta do naturismo e frequentador de clubes de nudismo, estratégia que adotara por recomendação médica para tornar a acostumar-se com o clima inglês, após sua aposentadoria. Logo, não é de se estranhar que sua sistematização da religião da bruxaria incluísse a nudez ritual.

Seguindo ainda as ideias expressas por Murray em seu *Culto das bruxas*, Gardner afirma que, na antiga Bretanha, as sacerdotisas-bruxas ficaram associadas ao “povo pequeno”, ou as fadas, e mesmo teriam descendido deste. Embora não haja nenhuma ligação efetiva entre a crença em bruxas e a crença em fadas, há, contudo, um ponto comum entre ambas: assim como as bruxas, as fadas não eram consideradas na Inglaterra pré-industrial, de forma alguma, seres pequenos, benfazejos ou sábios, mas antes criaturas malévolas, contra as quais a população precisava de algum tipo de proteção ritual²³. Novamente, a fonte de inspiração, tanto de Murray quanto de Gardner, aproxima-se mais de releituras oitocentistas do folclore, surgidas na Europa continental, como os contos dos irmãos Grimm.

Outros elementos apontados por Gardner como partes fundamentais do culto das bruxas remetem diretamente à magia cerimonial renascentista e suas releituras promovidas pelas sociedades herméticas do século XIX. Ele postula, por exemplo, que as bruxas operam no interior de um círculo mágico de nove pés de diâmetro e também lista uma série de “ferramentas” rituais que as bruxas possuem: o *athame*, ou punhal ritual, o bastão, incensórios, cordões, etc. Podemos encontrar essas mesmas prescrições, por exemplo, em um grimório

²² LELAND, Charles G. *Aradia, o evangelho das bruxas*. São Paulo: Outras Palavras, 2000, p. 34.

²³ THOMAS. *Religion and the decline of magic*, p. 724-726.



italiano cujas origens remontam ao século XV, conhecido como “A Chave de Salomão”, o qual, não coincidentemente, teve uma versão traduzida por Samuel Mathers, o fundador da Golden Dawn, e Aleister Crowley.

Outro elemento alheio às tradições inglesas ancestrais, inserido por Gardner em sua religião da bruxaria, é a crença em reencarnação. É quase desnecessário dizer que esta era uma ideia completamente estranha à população inglesa do medievo e do início da Idade Moderna, profundamente cristianizada. Era estranha, igualmente, aos povos pré-cristãos que habitaram as ilhas britânicas. No entanto, não era estranha aos povos com os quais Gardner tivera contato no Oriente, nem ao pensamento corrente nos círculos ocultistas frequentados por ele. Portanto, ao afirmar que a bruxa “acredita firmemente em reencarnação”²⁴, o autor apenas inseria mais uma convicção própria na sua interpretação da bruxaria.

Quem eram as bruxas de Gardner: uma questão de linguagem?

Na atualidade, os praticantes da Wicca Gardneriana²⁵ se dizem seguidores da “bruxaria tradicional britânica”. Como vimos acima, muito pouco da religião das bruxas sistematizada por Gardner pode ser considerado tradicional, e menos ainda britânico. Seguindo os passos de sua principal fonte de inspiração – as teorias da Dra. Murray – Gardner montou o arcabouço da Wicca basicamente sobre os estereótipos criados pelos demonologistas da Europa Continental, suavizados pelo trabalho dos folcloristas da virada do século XIX para o XX aos quais tivera acesso em sua juventude e complementados por noções espiritualistas e ocultistas com as quais estava familiarizado.

Sendo um autodidata cuja educação formal se limitara às primeiras letras, Gardner não tinha a formação necessária para criticar suas fontes, nem acesso ao meio acadêmico. Orientava-se pela sua própria propensão ao romantismo, ainda em voga na Inglaterra que deixara quando criança, para retornar apenas às vésperas da 2ª Guerra Mundial. Era, em todos os aspectos, um típico “inglês exótico”, vivendo no passado e tentando adaptar suas ideias a um mundo recém-lançado na Era Atômica. Seu apaixonado manifesto no capítulo IX de *O significado da bruxaria* demonstra bem essa dicotomia:

²⁴ GARDNER. **A bruxaria hoje**, p. 41.

²⁵ A partir da década de 1970, a Wicca ramificou-se em diversas “tradições”. Gardnerianos são aqueles cuja linhagem de iniciações remonta, em última instância, ao próprio Gardner.



Qualquer que seja a forma que se rotulem as políticas, elas são essencialmente idênticas, e estão vinculadas ao eterno “policiamento moral” de seus súditos; e é necessário entender que qualquer força que de alguma forma obstrua ou interfira nesse constante “policiamento moral” sofrerá imediata oposição dos Poderes de Ser dessas “religiões”. Pois em nenhuma delas será permitido que se tenha os próprios pensamentos secretos e sonhos gentis com a Mãe de Todos e com a Eterna Mãe que é gentil, carinhosa, afável e generosa. A beleza e a doçura são um terror para todas essas tiranias organizadas; portanto elas devem ser rebaixadas e escondidas ao máximo. [...] Nossos rapazes e nossas meninas devem estar protegidos do que quer que os faça produzir “pensamentos”. Assim, a arte deve consistir em rabiscos de crianças com significado obscuro. Na realidade, as pessoas acham melhor uma obscenidade reprimida, do que serem naturais e abençoados com a benção de Pan. Portanto, seu senso de beleza, sexo e natureza devem ser sistematicamente destruídos e eles devem ser ensinados que o “matrimônio foi estabelecido apenas para a procriação”, reduzindo o amor humano ao nível da criação de gado.²⁶

Ainda que inconscientemente, portanto, o que Gardner propunha com sua “religião da bruxaria” era uma alternativa aos sistemas de dominação e à moral prevalente nos anos imediatos ao pós-guerras. Nesse sentido, é possível dizer que ele foi um dos precursores da contracultura, e não é de se estranhar que sua religião tenha multiplicado exponencialmente o número de adeptos a partir da segunda metade dos anos 1960.

Logo no início de sua monumental obra sobre demonologia e bruxaria na Europa Moderna²⁷, o historiador Stuart Clark apresenta a necessária relação entre crença em bruxas e linguagem. É esta relação que confere significado às crenças que, em outra situação, seriam consideradas implausíveis ou mesmo absurdas. É a degradação dessa relação que leva à deterioração das crenças e sua virtual extinção.

Dessa maneira, em cada tempo e lugar, o discurso produzido sobre a bruxaria foi aquele necessário para conferir plausibilidade à crença em bruxas e, igualmente, para moldá-la a um padrão determinado. Na Inglaterra do medievo, o discurso produzido e disseminado pelo Catolicismo produziu bruxas potencialmente perigosas, mas cujo poder era limitado pelo rito da Igreja. A mudança desse discurso, após a Reforma, levou a uma mudança na crença, transformando o perigo potencial em um perigo real, que deveria ser enfrentado com estoicismo e abnegação. Posteriormente, quando a linguagem dominante passou a ser a do cientificismo e a bruxaria se tornou o “crime impossível”, a própria crença em bruxas paulatinamente desapareceu. Não é surpreendente constatar que tais mudanças se produzam sempre no sentido do meio

²⁶ GARDNER. **O significado da bruxaria**, p. 129-130.

²⁷ CLARK, Stuart. **Pensando com demônios**. São Paulo: EdUSP, 2006, 979p.



urbano para o rural, uma vez que neste último a penetração de novas formas de linguagem se dá de maneira mais lenta.

Na Europa continental dos séculos XVI a XVIII, a crença em bruxas foi moldada pelo discurso dos demonologistas. Não cabe aqui analisar as circunstâncias sociais e culturais pelas quais isso se deu, mas basta constatar que essa forma específica de linguagem acabou por produzir os mais fortes estereótipos da crença, aqueles que se perpetuaram na imaginação ocidental e foram posteriormente eternizados pelas artes: as bruxas adoradoras de Satã, voando em suas vassouras para diabólicos festins, destruindo as colheitas e o gado, tirando a virilidade dos homens e subtraindo das mulheres os seus filhos. A partir do século XIX, não havia mais efetividade nessa linguagem para manter a crença, assim ela passou a outro domínio de discurso: o dos fabulistas e contistas e, posteriormente, o dos folcloristas que tentavam explicar as antigas crenças a partir de sobrevivências que não se expressavam mais na linguagem original.

Este último foi o caso de Sir James Frazer, em seu *Ramo Dourado*²⁸, de Margaret Murray, em seu *Culto das bruxas* e igualmente de Charles Leland, em *Aradia*. E o discurso produzido por estes autores e por outros semelhantes foi o que foi absorvido por Gardner como base para a criação de sua própria linguagem a respeito das bruxas. Posteriormente, esse discurso foi retroalimentado pelos praticantes da Wicca e por novos autores que publicavam sobre o assunto, os quais não tendo, como o próprio Gardner, formação acadêmica específica, revisitaram Frazer, Murray e outros para dar “embasamento científico” às afirmações do patriarca.

Porém, Gardner não se limitou a essa base. A ela adicionou outros discursos com os quais era familiarizado e, conscientemente ou não, produziu uma linguagem própria para “suas” bruxas; linguagem esta que, por ir ao encontro de pensamentos e aspirações presentes na Inglaterra do pós-guerras, conferiu credibilidade à sua religião da bruxaria. Muito mais do que Murray, praticamente esquecida em 1954, Gardner foi o responsável por criar a forma como as “bruxas” seriam interpretadas popularmente na contemporaneidade: não mais como propagadoras de malefícios ou adoradoras de Satã, mas sim como incompreendidas sacerdotisas de uma religião primitiva, perseguidas pelo cristianismo, porém sobreviventes.

²⁸ FRAZER, Sir James. **The Golden Bough**. Dover: Dover Publications Inc, 2003, 768 p.



Como nos lembra a antropóloga Sabina Magliocco, “palavras como bruxa e pagão definem identidade por associar seu usuário a grupos que estão fora da estrutura do poder”²⁹. Indo além, existe na própria adesão um desejo de resistência ao discurso dominante sobre a realidade ou sobre a espiritualidade, que marginaliza certos tipos de experiência espiritual como irracionais. Nesse sentido, a efetividade da linguagem criada por Gardner e seus seguidores imediatos possibilitou aquilo que pesquisadores do assunto, como Phillip Berhnhardt-House, definiram como uma “frutífera e efetiva vida religiosa [...] apesar da falta de autenticidade nela presente”³⁰, para aqueles que, por sua vez, já não enxergavam autenticidade nas religiões estabelecidas.

Após a morte de Gardner, em 1964, a transição para a década de 1970 trouxe ainda outro elemento ao discurso contemporâneo sobre bruxaria: a ideia – fomentada especialmente por autoras feministas como Zsuzsanna Budapest e Starhawk – que a “antiga religião” seria fundamentalmente um culto a uma divindade feminina. Essa ideia não era nova. Já estava presente, por exemplo, no pensamento da arqueóloga Marija Gimbutas e encontrou eco em autoras como Merlin Stone, mas foi sobejamente divulgada por certas linhas wiccanas, embora não estivesse explícita no discurso original de Gardner. A Wicca seria, portanto, uma “religião da Deusa”, em oposição à “religião do Deus”, cristã, circunstância que foi decisiva para a ascensão de uma religiosidade particularmente feminista a ela associada. A jornalista e escritora Margot Adler nos lembra que:

No início dos anos 1970 houve várias conferências feministas sobre a questão da espiritualidade; diversas atraíram mais do que mil participantes. Na mesma agenda onde figuravam discussões sobre bruxaria, matriarcados e amazonas, e oficinas sobre artes psíquicas, como tarô, astrologia, massagem, cura espiritual e meditação, havia discussões e oficinas sobre o relacionamento entre interesses políticos, econômicos e espirituais. Tornou-se claro nessas conferências que muitas mulheres consideravam as lutas políticas e o desenvolvimento espiritual como interdependentes, e sentiam que ambos eram necessários para a criação de uma sociedade que seria significativa para elas.³¹

Nudez e sexo rituais, harmonia com a natureza através de ritos sazonais, transe e êxtase religioso, o doce acolhimento de uma mãe multifacetada em oposição a um pai onipotente e rancoroso, a sobrevivência de uma minoria perseguida, estereotipada e incompreendida. O

²⁹ MAGLIOCCO. **Witching Culture**, p. 202.

³⁰ BERNHARDT-HOUSE, P. Pagan Celtic Studies. In: EVANS, D; GREEN, D. **Ten Years of Triumph of the Moon**. Bristol: Hidden Publishing, 2009, p. 144

³¹ ADLER, Margot. **Drawing Down the Moon**. New York: Penguin Books, 2006, p. 180-181.



potencial contracultural desse discurso, num momento em que o Ocidente, ainda abalado pelas guerras mundiais e mergulhado no medo da Guerra Fria, contestava as matrizes religiosas, morais e políticas que o regiam, foi arrasador.

A isso podemos somar um último elemento, que Carlos Roberto Nogueira atribui à “crise de sobrevivência e de valores – em especial a assustadora crise de identidade – que aflige os homens, se não em escala mundial, ao menos em escala ocidental”³², e que Anthony D’Andrea caracteriza como “um processo de tradução religiosa das tendências individualizantes, reflexivistas e globalizantes da alta modernidade”³³. Pelas suas próprias características, a bruxaria de Gardner facilmente foi inserida no “mercado esotérico”. No discurso gardneriano atualizado para os dias atuais, bruxas possuem altares, instrumentos rituais, imagens de deuses e deusas das mais variadas mitologias, vestimentas especiais. Praticam divinação com o tarot, ou com espelhos, ou com a leitura de mãos. Especializam-se em reiki, cristais, cromoterapia, florais. Toda uma diversidade, parcamente prescrita ou direcionada, e em várias obras incentivada, que permite que praticamente cada adepto crie seu próprio culto. Entrevistado por mim em 2008, Gavin Bones, um dos maiores expoentes atuais da Wicca, afirmou:

Meu envolvimento começou a partir de meu interesse em assuntos metafísicos como UFO’s, experiências psíquicas, etc., quando estava no início da adolescência. Eu tinha desenvolvido minha “própria religião”, que na verdade era [composta de] aspectos de diversas religiões contemporâneas da época e incluía as ideias de *karma*, reencarnação, forças polarizadas (Yin e Yang do Taoísmo) e divindades como representações de forças naturais (do Hinduísmo). Fiquei um tanto surpreso quando li meu primeiro livro de Wicca no início dos anos 80 e descobri que minha estrutura de crenças estava naquele livro. Na verdade, eu não mudei minha espiritualidade, eu achei um nome para ela.³⁴

Ou seja, o desenvolvimento do discurso sobre bruxaria na contemporaneidade, a partir da síntese de Gardner nos anos 1950, tornou-se permeável o bastante para enquadrar-se, na pós-modernidade, no que vem sendo chamado de “religiões do *self*”. Nas palavras de Silas Guerreiro, “o divino passou a ser visto como uma prerrogativa do indivíduo. Busca-se o mistério, agora, dentro de cada um”³⁵. Podemos concordar com José Giovanetti, que afirma que a motivação religiosa não está mais centrada na instituição, mas na espontaneidade do sentimento religioso e,

³² NOGUEIRA, O. **O nascimento da bruxaria**, p. 199.

³³ D’ANDREA, A. **O self perfeito e a nova era**. São Paulo: Ed. Loyola, 2000, p. 32.

³⁴ Gavin Bones, em entrevista ao autor concedida em 05/04/2008.

³⁵ GUERREIRO, S. Novas configurações das religiões tradicionais: re-significação e influência da Nova Era. **TOMO** – Revista do Programa de Pós-Graduação em Sociologia da UFSE, nº 14, p. 44.



dessa maneira, é a necessidade individual da vivência do sagrado que leva o homem a construir sua própria religião³⁶.

Concluindo, as “bruxas inglesas” de Gardner não eram, como vimos, de forma alguma, uma releitura de concepções sobre bruxaria tradicionalmente inglesas. No entanto, o seu discurso sobre bruxaria foi convincente o bastante – e encontrou as condições socioculturais propícias – para criar uma nova linguagem sobre bruxas, que era permeável o suficiente para sofrer transformações sem perder suas características básicas e, assim, transcendeu em muito os limites de sua Inglaterra natal.

³⁶ GIOVANETTI, J. A representação da religião na pós-modernidade. In: PAIVA, G; ZANGARI (orgs.). **A representação na religião**. São Paulo: Ed. Loyola, 2004.